

de técnicas. Tanto maior é a influência do ambiente geográfico na cultura quanto mais antigo for o ciclo que ela representa.

O papel decisivo que o meio geográfico pode ter na aparição, na limitação e até mesmo na neutralização pura e simples dum tipo de cultura é amplamente analisado pela autora.

O homem paleolítico, numa paisagem de tundra e estepes, tem como atividade fundamental a caça. Seguindo as pégadas das manadas selvagens o homem caçador se desloca de uma área para a outra, num nomadismo milenar. Logo que as necessidades se aplacam ou se fazem menos imperiosas o nômade se aclimata, se sedentaria. Essa transformação é, mais uma vez, motivada pelas modificações do ambiente geográfico. Surge a civilização franco-cantábrica cujo apogeu vai ser limitado pelas condições climáticas. O recuo das geléias bálticas obriga a migração da fauna, atrás da qual vai o homem. Mas, aonde as condições do meio favorecem a continuidade ou o retorno de vitalidade, a civilização dos caçadores paleolíticos continua o seu curso.

É de 30 a 35.000 anos o período de gestação da civilização agrícola e de 6.000 o da civilização técnica moderna.

Sem dúvida, ainda aqui o meio geográfico exerce papel relevante. Só um clima, uma rede hidrográfica abundante, e em áreas limitadas, como as do Eufrates e do Nilo, poderiam concentrar grupos étnicos, favorecendo os contactos culturais tão necessários para o aparecimento da agricultura, e progresso técnico.

Em toda a teoria da Sra. Laviosa Zambotti, vemos a preocupação de descrever e explicar, através de um complexo mecanismo de difusão, o aparecimento das capas culturais, desde as pré-históricas até as atuais, inclusive as chamadas etnográficas.

É a tentativa brilhante para por em evidência não só o processo de difusão como o dinamismo intrínseco de uma cultura cujo patrimônio está sempre sujeito a renovações e inovações. Sem dúvida há pontos discutíveis.

Na reconstituição das civilizações pré-históricas, excluída a reconstituição da cultura material, baseada em vestígios arqueológicos, o quadro social e animológico é puramente hipotético.

A solução apresentada ao problema das diversas áreas culturais americanas, explicando as civilizações superiores Azteca, Maia e Inca como resultantes da migração de povos polinésios, não satisfaz plenamente.

Entretanto, não se pode negar à Sra. Laviosa Zambotti a engenhosidade de sua teoria, e o valor de sua obra, ricamente documentada.

MARIA DE LOURDES JOYCE

LINDNER (Kurt). — *Le chasse préhistorique (Paléolithique-Mésolithique — Néolithique — Age des Métaux)* — Payot, Paris, 1950, 480 pp. 143 figuras e 24 pr. fora do texto.

Esta obra, verdadeiro tratado no assunto, constitui uma análise brilhante da arte cimegética desde os albores do chamado Paleolítico antigo até o período do Ferro. Baseando-se em farta bibliografia, o autor, em páginas eruditas, mostra quão admiráveis são os dados pré-históricos e quanto de interesse elas representam para o historiador, para o etnólogo e para o sociólogo. A este propósito escreve: "Il est regrettable qu'aujourd'hui encore l'histoire culturelle contemporaine accorde si peu d'attention aux données prodigieuses de la préhistoire. Cette négligence mérite le blâme le plus exprès, parce que tenter de

ne faire débuter l'étude des civilisations q'avec le début de l'histoire proprement dite, qui a manifesté son plus grand éclat dans les civilisations citadines asiatico-méditerranéennes, ampute cette étude. Il ne sera jamais possible, de cette manière, de pénétrer au fond même des problèmes historiques et de les interpréter; car c'est les aborder à un moment où, ayant derrière eux une longue évolution, ils sont déjà d'une telle complexité, qu'il serait vain d'en vouloir dissocier les éléments. Des problèmes sociaux, des questions fondamentales de droit, des productions artistiques, des manifestations culturelles, et même les produits de la culture matérielle ne s'expliquent pas de façon satisfaisante si l'on ne tient pas compte des données des sciences préhistoriques".

Kurt Lindner não se limitou exclusivamente em descrever os processos de caça. Foi além, muito além mesmo, como se poderá evidenciar pelos simples enunciado dos capítulos em que a obra está dividida:

A primeira parte do livro, contendo cinco capítulos, é inteiramente dedicada ao Paleolítico e ao Mesolítico. Após as "Generalidades" (Capítulo I.), o autor faz desfilar de início "uma série sucessiva das grandes épocas culturais da idade da pedra tendo no centro o ser humano, que confere sua característica à cada uma das fases do desenvolvimento". Os "seus pensamentos e seus atos, suas representações culturais e religiosas, que estavam em grande parte em contacto íntimo com a prática de caça, seu modo de vida, e, em particular, sua técnica", são estudados no II Capítulo.

O Capítulo III é inteiramente dedicado ao mundo animal pré-histórico, dando-nos uma ampla visão das principais espécies de animais que eram caçados. Em seguida (Capítulo IV), Lindner trata magnificamente da técnica da caça, não "segundo seu desenvolvimento cronológico", mas de acordo com os métodos particulares de perseguição, os quais estavam em função dos animais a serem caçados. O capítulo seguinte. (V) é dedicado às questões da arte, da magia e do direito relativos à caça, aspectos estes, como muito bem o autor salienta, de grande interesse para os estudos ciclo-culturais.

O estudo da caça no período Néolítico e na idade dos metais (período do Bronze e período do Ferro), que constitui a segunda parte da obra, sofreu o mesmo tratamento meticoloso por parte de Kurt Lindner, que nos dá uma visão perfeita das transformações sofridas pela arte cinegética, em seus múltiplos aspectos, de um período para outro.

Em suma, a obra em apreço, é de indispensável consulta a todos os estudiosos do assunto.

CARLOS DRUMOND

LAPEYRE (G. G.) et PELLEGRIN (A.) — *Carthage Latine et Chrétienne*.
Paris. Payot. 1950.

Bem poucos livros de reconstrução histórica poderão oferecer mais atraente e profícua leitura do que esta obra, continuação e aperfeiçoamento de outra já publicada: — "Carthage Punique" — dos mesmos autores. O interesse, porém, é muito maior, principalmente, pela documentação desses dois grandes aspectos da Roma africana: o literário e o cristão. Se o latim da África não produziu tão grandes obras como o de Espanha que tomou a si a continuação do esplendor literário e filosófico de Roma, foi, contudo, brilhante e fecundo. Basta citar Aulo-Gelo, autor tantas vezes consultado em suas "Noites áticas"; Mânlio, autor do poema didático "Astronômicas"; o gramático Apolinário, famoso em Roma; o jurisconsulto Sálvio Juliano, conselheiro de Adriano; Frontão de Cirta que foi preceptor de Marco Aurélio, mas sobre todos Apuleio, um dos homens de maior talento que já existiram e cujas obras ainda hoje lemos com prazer. Pode-se mesmo afirmar que ele foi o fundador do romance na Anti-